



A mecânica da arte

MONISE RADAU

Criatividade e sensibilidade. São esses os sentimentos que movem boa parte dos artistas – senão todos. Não por acaso, a arte não se resume apenas ao óbvio. Nesse universo tão especial, até mesmo as peças que foram descartadas por outros profissionais podem se transformar em obras encantadoras e, por que não, enigmáticas.

Fugindo do convencional, a exposição "A Mecânica da Arte", do artista plástico Emerson Bianchin, leva ao jundiaense a arte contemporânea nos mais diversos estilos e formas. São bailarinas, trens, carros de Fórmula 1, pássaros, peixes e cavalos. Basta um pouquinho de atenção e imaginação para descobrir o que está por trás daqueles objetos estranhamente unidos – ao menos à primeira vista. "Depois de uma visita ao ateliê de Tao Sgolda, percebi que sucatas também poderiam se transformar em esculturas. Me inspirei e, há dez anos, realizo esse trabalho que, de certa forma, mexe com a imaginação de quem observa", afirma o artista.

Mas não desanime se não conseguir identificar o trabalho do artista logo de cara. "Gosto de ver a reação das pessoas. Algumas identificam na hora o objeto retratado, outras ainda demoram um pouco mais, precisam de algum tempo para, enfim, perceberem o que aquela obra representa. Mas há ainda quem deixe a exposição sem saber ao certo o que viu: ou não têm interpretação nenhuma ou sai de lá jurando que uma bailarina é um avião, por exemplo", esclarece Bianchin. Na verdade, um dos grandes méritos de suas esculturas é justamente despertar no público a curiosidade e o interesse pela análise e contemplação – sem que sejam necessários conhecimentos técnicos específicos. Talvez essa seja, uma das características do trabalho do artista ao deixar as peças sempre em movimento. "Não busco nada estático, acredito que isso humaniza cada uma das obras e permite que a sensibilidade do espectador aflora", completa.

Em cartaz no Museu da Energia de Jundiaí, a exposição "A Mecânica da Arte" segue até o próximo dia 9. Para as exposições, a entrada é gratuita (para as outras atrações do museu é cobrado ingresso no valor de R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia). O horário de funcionamento é de terça a sexta, das 10 às 17 horas, e aos sábados, das 10 às 14 horas. O Museu da Energia fica na Rua Barão de Jundiaí, 202, Centro. Mais informações podem ser obtidas pelo telefone (11) 4521-4997 ou no site www.fphesp.org.br/jundiai/jundiai.htm.

● **Sucatas se transformam em esculturas e mexem com a curiosidade e imaginação de cada espectador**



BASTIDORES

Exatimais.com.br

FOTO: MATIUS VEIRA



DANÇA Peixe feito com sucata faz parte da exposição, composta por 11 peças



VISITAÇÃO Exposições integram atrações do museu até o dia 7 de outubro



PINTURA Tela compõe a mostra "Flores para Ana Luíza", de Marco Scarelli

> ARTE

As exposições "Flores para Ana Luíza" e "Mecânica da Arte" ficam no Museu da Energia, em Jundiaí, até o dia 7 de outubro

Flores e mecânica estão no museu

VANESSA FAJARDO

Com sensibilidade, solda e muita criatividade, o artista plástico jundiaense Emerson Biachin transformou peças velhas de automóveis e sucatas em obras de arte. O que um dia foi o pneu de uma bicicleta, tornou-se a saia volumosa de uma bailarina, que dança na ponta dos pés. Outras peças abandonadas em oficinas mecânicas e depósitos de recicláveis ganharam vida novamente através das mãos de Biachin. Um trem, um peixe, um carrinho de Fórmula 1, um cavalo e outras imagens abstratas integram a exposição "Mecânica da Arte".

Assinada pelo jundiaense e que está no Museu da Energia de Jundiaí até o dia 7 de outubro.

"Sempre busco dar um movimento nas peças e deixá-las leves e sutis. Eu preservo a originalidade do material, não os recorto, só uso verniz para dá cor", comenta o artista, que em 2005 expôs seu trabalho na Universidade Anhembi Morumbi, em São Paulo.

Só mesmo o dom artístico para deixar sutil uma peça formada essencialmente por ferro. Biachin também arrisca pinceladas de tintas em telas, mas admite que seu forte são as esculturas. Apesar

da dedicação, o artista ainda não conseguiu tirar da arte seu sustento financeiro.

Flores - A exposição assinada pelo diretor da Associação dos Artistas Plásticos de Jundiaí, Marco Antônio Scarelli, "Flores para Ana Luíza", também está no museu desde o dia 25. São 30 trabalhos em pintura, fotografia, nanquim, grafite, crayon (espécie de giz de cera) e técnicas mistas criadas a partir de vasos de flores reais que Ana Luíza, a namorada de Marco, trazia para casa. "Este é um trabalho muito gratificante, porém não é comercial. Muitas peças foram feitas como exercícios e depois fo-

ram transformadas." Formado em arquitetura e urbanismo, Scarelli é um artista versátil: pinta, desenha, recorta, cola e remonta e faz da arte, além de sua sobrevivência, motivo de inspiração.

Serviço:

Exposições "Mecânica da Arte" e "Flores para Ana Luíza"

Museu da Energia de Jundiaí: rua Barão do Triunfo, 202, Centro, fone (11) 4521-4997

Data: até o dia 7 de outubro (de terça a sexta-feira das 10 às 17h e aos sábados das 10 às 14h)

Preço: a visitação das exposições é gratuita, mas a entrada para o museu custa R\$ 4.



BIACHIN Peças de automóveis foram transformadas em um trator pelo artista

MATIUS VEIRA

REBECA RIBEIRO

*"E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,
Libertar-se-á... nunca mais!"*

O poema 'O Corvo', de Edgar Allan Poe, é instigante. Através dele, o leitor viaja por uma balada que evoca melancolicamente o amor perdido. Os sentimentos brotam naquele que lê os versos, e de forma intensa. Junto com o desespero, o medo, a dor, podem surgir alguns questionamentos. Entre eles, como um poema pode ser tão deliciosamente musical? Como Allan Poe consegue transmitir ao leitor tamanha sensação de abandono? Como um texto consegue ser apresentado de forma tão matemática, perfeita?

O livro "Redes da Criação - Construção da Obra de Arte" (editora Horizonte), recém-lançado pela professora da pós-graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Cecília Almeida Salles, joga luz a essas indagações. Para compreender o modo como se desenvolvem os diferentes processos de construção de obras de arte, a autora estudou documentos deixados para a posteridade por artistas, como diários, anotações, rascunhos, maquetes e cópias.

Nestes esboços tão pessoais estão a chave da criação do objeto artístico. São eles que permitem um passeio à alma do artista. "Na relação entre esses registros e a obra entregue ao público, encontramos um pensamento em construção", assinala Cecília, na obra. "Podemos perceber um interesse crescente por esses materiais, que fica patente nas inúmeras exposições nacionais e internacionais de esboços, rascunhos ou cadernos de artistas", diz.

Esboço de idéias, arte em construção

O escritor Albino Júnior, de Jundiá, é um dos adeptos dos esboços. Neles estão anotadas idéias que podem, no futuro, se transformar em um texto, em uma peça, em um monólogo. E, para ele, os temas de trabalhos surgem com tanta força, que se cria uma rede na qual um pensamento puxa outro, e outros mais, até se abrir leques de possibilidades para as obras.

Escreve a autora:

Uma decisão do artista tomada em determinado momento tem relação com outras anteriores e posteriores. Do mesmo modo, a obra vai se desenvolvendo por meio de uma série de associações ou estabelecimento de relações. A 'anotação no guardanapo do bar', muitas vezes, não é nada mais que a tentativa de não deixar uma associação se perder.

No caso de Albino não foram guardanapos, mas sim bloquinhos espalhados por toda a casa que delinearam a peça 'O Velório'. "Foi uma loucura. A peça começou com três personagens, mas outros tantos foram aparecendo na minha mente, o tempo todo", contou.

Assim, a criação não se limitou ao momento em que o escritor estava sentado, em frente ao computador. "Os personagens iam surgindo ao longo do dia, e eu anotava tudo nos bloquinhos espalhados pela casa. Não podia esquecer nada." Assim, ao final, a peça ficou com 24 personagens.

A obra não é fruto de uma grande idéia localizada em momentos iniciais do processo, mas está espalhada pelo percurso. Há criações em diários, anotações e rascunhos.

E Albino vai além. Quando ele procura um assunto, é como se diversos outros o puxassem pelos dedos, querendo a atenção do autor. "Ao escrever uma peça, outras surgem no decorrer do processo da criação", detalha. "Ai, redijo uma espécie de sinopse do novo tema em um papel à parte e volto à peça na qual estava trabalhando."

Enxurrada de palavras

O escritor Aécio Flávio Consolin, que já tem cinco livros publicados, criou uma maneira própria de trabalhar. Quando surge uma idéia, ele a despeja no papel. "Escrevo tudo que me vem à mente, como se fosse uma enxurrada." Depois, em uma segunda etapa, ele reescreve tudo. "Ai começa o meu trabalho como escritor, ao organizar o ritmo e a dinâmica do texto."

Esse método de Consolin tem alcançado bons resultados. Tanto que nos anos 70, ele ganhou diversos prêmios de literatura, todos em nível nacional. Um deles foi o Guimarães Rosa, em Minas Gerais, em 1976. E, o escritor conta, as idéias premiadas surgiram de fatos cotidianos, do dia a dia. "Uma conversa, uma foto, uma música podem me despertar algo, e esse algo pode se transformar em um texto."

Não se pode deixar de levar em conta, por exemplo, as interações entre indivíduos como um dos motores do desenvolvimento do pensamento; conversas com amigos, aulas com mestres respeitados ou opiniões de leitores ou espectadores particulares.

A escritora e artista plástica Júnia Bittencourt consegue criar um conto a partir de um olhar recebido de um estranho, na fila do banco. "Criar é um processo contínuo", descreve. "Tudo que vejo é capaz de me inflamar. É algo borbulhante, que vem rápido, como uma onda, e me invade. Às vezes, a sensação que tenho com as coisas do dia podem me colocar em estado de ebulição."

No livro "Redes da Criação", Cecília explica esse fenômeno. "O artista observa o mundo e recolhe aquilo que, por algum motivo, o interessa. Trata-se de um percurso sensível e epistemológico de coleta: o artista recolhe aquilo que de alguma maneira toca sua sensibilidade e porque quer conhecer", enumera a autora.

Cecília também escreve que é errado pensar na construção de um objeto artístico com uma perspectiva linear. Na verdade, existem 'picos' nesta criação, que podem ser retomados a qualquer momento pelo artista. Junto a esses 'picos', caminha o trabalho de investigação. Segundo a autora, a pesquisa é outro ponto-chave na criação, e esse fator não deve ser visto como falta de originalidade, mas sim como diversidade de referências.

As tramas do pensamento

"No propósito de observar cada vez mais de perto criações em processo, chegamos ao que chamo de tramas do pensamento. O que os documentos dos processos deixam de registros do modo de desenvolvimento de um pensamento envolvido na construção de obras? É neste sentido que devemos compreender as informações que os documentos nos oferecerem como índices do desenvolvimento do pensamento em plena criação."



ALLAN POE Escritor fez poema matemático, musical, e revelou o processo da criação

O artista inserido na sociedade

"O espaço e o tempo sociais da criação estão permanentemente interagindo com a individualidade do artista. Nessa discussão dos diferentes ângulos do tempo e do espaço nos localizamos melhor em meio à complexa operação poética. Cabe-nos compreender como, nesse clima de turbulência, tudo o que passa a fazer parte daquilo que envolve as construções das obras é processado pelo artista e pela obra."



ALBINO Peça teatral começou com três personagens e terminou com mais de 20

► JOSÉ PAULO PAES

A arte de criar, a criação da arte

Obras são territórios passíveis de invasão; através de anotações particulares de artistas, livro desvenda os fantásticos mecanismos da criação da arte



JÚNIA Olhares trocados em filas de banco podem se transformar em um poema



BIANCHIN Hélice de radiador se transformou em uma balianna de sucata

O poder da memória criadora

"A criação artística é marcada por sua dinamicidade que nos põe, portanto, em contato com um ambiente que se caracteriza pela flexibilidade, não fixidez, mobilidade e plasticidade. Recorro propositalmente a aparentes sinônimos para conseguir nos transportar para esse ambiente dos inúmeros e infindáveis cortes, substituições, adições ou deslocamentos. Isso nos leva, por exemplo, a diferentes possibilidades de obra apresentadas nas séries de rascunhos, tratamentos de roteiros, esboços etc.; propostas de obras se modificando ao longo do processo; partes de uma obra aparecendo em outras do próprio artista; ou ainda fatos lembrados ou livros lidos, sendo levados para obras em construção. Uma memória criadora em ação que também deve ser vista nessa perspectiva da mobilidade: não como um local de armazenamento de informações, mas um processo dinâmico que se modifica com o tempo."

Ao ler uma revista, o artista plástico Emerson Bianchin se deparou com esculturas feitas a partir do vidro. Bastou bater os olhos nas peças para se apaixonar por um novo desafio: criar obras com o mesmo material. "É como se aquele artista da revista me iluminasse. Senti algo muito forte", frisou. E, agora, Bianchin pretende se dedicar ao vidro, depois de anos lidando com outros materiais.

Até então, o artista criava obras a partir de sucata bem específicas. "Eu sempre vou a algum depósito de recicláveis, ou a uma mecânica, e começo a caminhar, olhando as peças que estão no chão. Às vezes, ao observar um objeto, me vem uma idéia."

"A matéria age sobre o artista, que aguarda o momento exato de sua intervenção."

Foi assim, por influência de uma hélice de radiador, que Bianchin criou uma de suas obras preferidas. "Olhei aquele objeto e, ao mesmo tempo, pensei em uma bailarina", recorda. "Assim, fui atrás de outros materiais e criei a

minha peça. É como se a hélice do radiador tivesse me dado uma dica."

Para a euforia dos 'pobres mortais' leitores, Edgar Allan Poe também deixou para a posteridade a receita do seu mais célebre poema, 'O Corvo'. "É minha intenção demonstrar que nenhuma parte dele foi devido ao acaso ou à intuição. A obra prosseguiu, passo a passo, até o seu remate, com a precisão e a rígida consequência de um problema matemático... com o objetivo de compor uma poesia capaz de satisfazer ao mesmo tempo o gosto popular e o crítico", revelou.

Allan Poe diz que nada é intuição, nem sorte. Ele realça que, na arte, a obra é fruto do trabalho, do suor. 'O Corvo' está aí para provar. Da mesma forma, tantos outros artistas comprovam que arte é um serviço braçal que pode ser desvendado pelo público, aos poucos, como em uma viagem, de forma apaixonante. E é possível que quem encontra a chave dos mistérios da arte, não conseguirá mais vê-la longe de lá. Com a permissão de Allan Poe, esse alguém 'libertar-se-á... nunca mais!'



CRIBONES Edison aponta um dos quadros da série "Tudo para se jogar", que faz uma de suas metáforas, as pedras. Fátima Gregor abraça e acaricia o seu Agito

► TÉCNICAS DIVERSAS

Pavilhão na Argos abriga obras de 53 artistas, entre esculturas, telas e instalações

Mostra apresenta panorama da arte jundiaíense

ROSELY BORGES
reportagem

Uma bailarina feita de sucata ocupa um lado da ampla sala. Em outro ponto, um mosaico com pedaços de peças em porcelana desenha o busto de uma mulher. Uma cidade nasce nos galhos de uma árvore feita de metal, com pedras e pessoas que deslizam pelas janelas e, no alto, uma roda gigante que se equilibra, entre uma favela colorida e chata de antenas parabólicas e um mar. As cenas - lembranças ou fruto da imaginação de 53 artistas jundiaíenses - podem ser vistas na exposição "Artes Visuais 2007", em cartaz no Pavilhão Guimarães Rosa, no Complexo Argos. A mostra, aberta no último dia 19, pode ser considerada até 2 de agosto (quinta-feira).

De acordo com o curador da exposição e presidente da Comissão de Patrimônio do Conselho Municipal de Cultura, João Borin, esta é a primeira vez que ocorre uma mostra deste porte na cidade, montada apenas com artistas jundiaíenses. "Reunimos trabalhos de várias áreas, que misturam diversas técnicas e materiais", conta.

Nos 3 mil m² do pavilhão estão espalhadas obras de pintores, escultores, gravadores, cartunistas, aquarelistas, fotógrafos e desenhistas, entre outros.

As obras foram selecionadas por Borin, em sua maioria, através de e-mail. "O pessoal mandava as fotos e eu avaliava." Ele espera repetir a mostra e ainda realizar uma feira de artes para que as obras possam ser vendidas. "Talvez façamos isso até o Natal e aí teremos também artesanato."

Natureza em foco
Helena Saldanha Gregori, 49 anos, se inspirou na natureza e, especialmente na Serra do Japi, para criar uma série de obras. A pesquisa ocorreu quando ela mudou-se para Jundiaí, há nove anos. Na Argos, ela apresenta ao público múltiplas ideias: feitas em papel sobre o vidro baseadas em árvores e cipós, uma obra em cerâmica, que representa o movimento das águas a partir de



VARIEDADE Exibição pode ser vista, diariamente, das 10 às 17 horas até o dia 2

uma pedra caída, e folhas feitas de argila. Os trabalhos não têm título. "Quero que cada um imagine o que é."

Cores e harmonia
Artista plástico desde os 9 anos, Edison Luffaz, 57, levou à exposição os quadros da série "Tudo-papo

no parque". "São desenhos feitos em gravata e depois pintados", explica. Como colorista, ele combina as tons para dar harmonia à obra. "Não tem nada 'de-pé'."

A exposição, com entrada gratuita, pode ser visitada diariamente, até o dia 2, das 10 às 17 horas.



VARIEDADE Entre as peças estão a bailarina feita de sucata de ferro, o cipó, de metal, e um busto feito com pedras de porcelana